



**REDATOR PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: *Batalha-Lisboa* • Telefone 5389 C.  
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A CONFEDERAÇÃO DOS PATRÓES

Se compararmos a agitação social do nosso país com a efervescente reivindicadora e revolucionária que por toda a Europa, de extremo a extremo, se vem observando, chegaríamos a concluir que Portugal se mantém numa paz pôrde, por virtude da pacatez estrutural das gentes que o compõem. As reclamações operárias tem decorrido entre nós dentro de normas comezinhas, dentro dum cordar paradiásico que nem ponto de contacto pode ter com o carácter violento dos conflitos sociais desencadeados além-fronteiras. Em Portugal tem-se feito greves, muitas greves mesmo, todas elas consequenciadas pelo nosso desconchavamento económico. Mas nos outros países as greves tem estalado igualmente: na Inglaterra, em França, na Itália, na Espanha, e em muitos mais que não é necessário consignar aqui. E é ver: na Inglaterra as greves colossais dos mineiros apresentam-se com um caráter de energia tamanha que os próprios alícerces políticos desses países sentiram o pronunciadíssimo abalo que o acontecimento determinara. Em França a sublevação operária patenteou-se dum maneira decidida durante o ano findo, e de que a revolta cada vez mais se radica no espírito dos trabalhadores franceses é prova a orientação predominante do congresso há pouco efectuado em Tours. Na Itália, a revolta proletariana chegou até à apropriação de fábricas, incêndio assustador para a burguesia de que se pretende realmente a revolução emancipadora levada ao fim dum modo decisivo. Na Espanha, a dissensão antiga entre a classe operária e patronal atingiu os pincaros do encarniçamento e de parte a parte se joga a vida, não raro sendo que, em Barcelona, fiquem as ruas manchadas de sangue vertido na sequência de tam aceso combate.

Só em Portugal o movimento social tem decorrido numa serenidade admirável. As reclamações operárias são modestas, as atitudes correctas, as greves ordeiras. Nada que possa produzir nas fileiras patronais o assombro ou o terror. Reclama-se pouco, muito menos do que as circunstâncias aconselhariam a reclamar, e tudo isto se faz dum maneira que não dá margem à intervenção legítima das forças da ordem. Pois parece que desagrada aos patrões uma situação assim. E ei-los a procurar desastradamente tornar mais graves as incidências da luta operária. Os patrões restringiram, parece que no intuito de osmigar, de impedir por uma vez as reclamações dos trabalhadores. Tinham à mão um excelente meio de alcançar os seus fins. Eles, os das fábricas, os das lejas, os da finança, os do comércio, os da agricultura, procuraram concer-

tar-se para pôr cíbrio ao descalabro em que o país mergulha cada vez mais. O lavrador cultivaria mais, e mais racionalmente, olhando de preferência para os interesses da colectividade. O da finança especulária menos. O do comércio abster-se hia de tornar revoltante o seu negócio, isto é, não roubaria tanto.

Reúnidas, as chamadas forças vivas estudariam a situação económica do país e trabalhariam por modificá-las, melhorando-as. Assim se conseguia talvez apaziguar esta agitação, aliás apocalpica, em que os meios operários, na defesa do sacratíssimo direito de garantir a existência de quem trabalha, se tem lançado nos últimos tempos. Acontece porém que os senhores patrões seguiriam orientação bem diversa. O que eles procuraram combinar foi armas. Espingardas, pistolas, revólveres, possivelmente também metralhadoras e canhões, tanks e gizes, tudo para pulverizar os trabalhadores quando eles pensassem em reclamar.

Evidentemente, nós não tomamos a sério a fúria mavortica dos senhores patrões. Nem nós nem ninguém os toma a sério, e ainda ontem um jornal, aliás burguês, dizia que fora Polichinelo, vindo dos seus domínios da fôrça, quem presidia à ideia e efectivação das reuniões patronais. Os patrões, nós, conhecemos-lhe bem a psicologia. Muito apegados à vida e ao dinheiro, muito tementes a Deus, muito receosos dos bolchevistas, incapazes dessas cavalarias altas e guerreiras, que tam entusiasticamente aprovaram na sua risível sessão secreta.

Antes assim. Os senhores patrões não quererão de maneira nenhuma abandonar o conforto de suas casas para se aventurarem em trágicas esperas de grevistas, pela calada da noite. Gente amiga do sôssegó, estamos em dizer que a simples detonação dum pistola lhes perturbaria imensamente o sistema nervoso. E depois...

E depois a coisa tem os seus perigos. Os senhores patrões temem por seu lado a fôrça pública, a protecção dos governantes, os recursos monetários. Parece que todos estes meios de defesa devem bastar-lhes. Querem mais, porém. Querem pólvora. Querem a guerra, no que ela tem de mais sanguinolento. E' ditado antigo o que diz que quem vai à guerra dá e leva. E, no que respeita a levar, pode ser que a dose excede toda a expectativa dos senhores patrões, enquanto o que concerne a dar fique aquém das suas esperanças. Apraz-nos tratar com os senhores patrões, assim, como neste momento estamos fazendo, de pena na mão. Mas se se tratar de empregar outras armas, talvez não sejamos nós os mais desagreditados em fazer uso delas.

## Em volta de duas prisões

### CONFERENCIAS

#### Curso de criminologia e direito penal

Na Universidade Livre, realiza-se no domingo a sétima conferência deste curso, a que o distinto professor dr. Carneiro de Moura, tanto brilho tem imprimido, constando o tema de Os estabelecimentos correctionais. O degrado. — A regeneração. — A capacidade de trabalho dos delinqüentes. — Estímulos de degenerescência. — Psicoses. — A criminalidade portuguesa. — A antropometria. — Os crimes contra a religião. — Os crimes praticados por abuso de funções religiosas.

#### Uma associação operária contra o álcool

Havendo certos elementos avançados reconhecido a necessidade de organizar no meio operário uma campanha activa e sem platonismos contra o flagelo social do alcoolismo, realizar-se-há às 21 horas da próxima segunda-feira, 17 de corrente, na C. G. T., uma conferência em que o propagandista Luciano Silva apresentará as bases de uma associação anti-alcoólica operária para a qual desejá-se espera a adesão de trabalhadores conscientes que desejem concorrer para a extinção do alcoolismo, a mais característica praga da desorganização burguesa.

Uma comissão delegada do Sindicato Único Metalúrgico esteve ontem no gabinete da polícia de segurança do Estado informando-se da situação de Armando dos Santos, serralleiro de automóveis, que, como noticiámos, há 7 dias foi preso em sua casa pela mesma polícia, sem que até hoje fosse sequer interrogado.

A essa comissão foi dito que o referido operário se encontrava preso em virtude dum suspeita, de que a polícia anda a ver se tem a confirmação. Desde que tal não se dê, e passados os 8 dias fixados pela lei, será posto em liberdade.

A ver vamos...

**A BATALHA** vende-se em Paris na rua d'Abbeville, 18.

### CONFEDERAÇÃO DOS PATRÓES

#### DO MUNDO NOVO...

## A RÚSSIA POR DENTRO

(DA «ROSTA-WIEN»)

#### Um manifesto do Congresso aos trabalhadores da Russia Soviética

MOSCÓVIA, 2.—O presidente do VIII Congresso dos Sóviets, Kalinin, publicou o seguinte manifesto: «O VIII Congresso pan-Russo de operários, camponeses e soldados vermelhos felicita todos os trabalhadores da República pela grande vitória alcançada sobre o inimigo do proletariado e tem por dever exprimir a sua gratidão a todos os que para elas deram o seu concorso. Soldados vermelhos! Filhos de operários e camponeses da Rússia! Durante três anos de luta contra os inimigos sem número destes provas de coragem que o país libertado do jugo capitalista já mereceu. Muitas vezes mal preparados, mal vestidos, sem poder contar com reservas, não tendo para comer é cheios de fadiga, marchastes contra o inimigo poderoso, porque a República vos tinha confiado a sua sorte e vós devíeis levar-lá à vitória. Os nossos inimigos estavam bem armados, bem vestidos e bem aprovados. Os capitalistas aprovaram cada organização que quisesse concorrer para o estrangulamento da República de operários russos, ao passo que nós não tínhamos muitas vezes o necessário para evitar, aos nossos defensores, a fome, o frio e as doenças. Sofrestes com paciência todas as privações, porque compreendestes que não era a República empobrecida, mas os imperialistas a causas dos nossos sofrimentos. Glória, a vós, filhos fiéis da República proletariana, que no mais grave momento da vossa existência sacrificastes as vossas forças, a vossa vida.

Operários, camaradas! Os três anos de revolução foram para vós uma época de grandes sofrimentos e de privações. Passastes fome como nunca. Mas a fome não podia forçar-vos a ajoelhar em frente da capital, a bater em retirada nem a fazer-vos perder a fé na vossa própria fôrça. Nada conseguiu arrancar das vossas mãos a bandeira vermelha da revolução. O vosso trabalho pleno de sacrifícios assegurou no front vermelho a vitória contra as fôrças brancas. Glória à classe que, na época da fome e da luta, encontrou fôrça para encorajar os puerilmente e os desesperados e para punir os bandidos! Camponeses, camaradas! O exército vermelho não teria podido vencer e os operários nas cidades teriam, morrido de fome, a indústria ter-se-ia arruinado se não tivessem dado ao Estado o excessivo dos cereais. A maioria dos camponeses responderam ao apelo do poder proletariano e cumpriram o seu dever para com a República. Estes camponeses compreenderam que ajudavam os seus filhos dando o trigo à cidade para receber no futuro tudo de que necessitam para a reorganização da economia rural. O camponês deu o pão ao operário, embora tenha de trabalhar hoje em condições mais difíceis do que dantes. Vamos dedicar agora todas as nossas fôrças ao trabalho pacífico! Ainda um ano mais de esforços e nos nossos lares deixarão de haver frio e falta de luz; ainda dois ou três anos e nós teremos posto em bom estado os nossos meios de comunicação e as nossas oficinas; ainda três ou quatro anos e não haverá na nossa República gente mal vestida e mal calçada. Ainda cinco anos e as feridas da nossa economia pública destruída pela guerra estão curadas. Ao trabalho, pois, proletários da Rússia! O vosso órgão supremo de poder, o Congresso pan-Russo dos Sóviets vos conduzirá a novas vitórias. Viva a vitória próxima no front do trabalho. (a) Kalinin.

#### Lénine e a questão agrária

MOSCÓVIA, 3.—Na última sessão da fracção comunista do Congresso pan-Russo dos Sóviets, Lénine pronunciou um discurso do qual extraímos as seguintes passagens: «Para levar a bom fôr o trabalho que queremos realizar, a reconstrução da agricultura, devemos fazer esforços extraordinários mas para isso é necessário que empreguemos todas as nossas fôrças. Para melhor conseguirmos esse fim é necessário recompensar todas as pessoas que trabalharam com sucesso e fizermos esforços particularmente notáveis. As explorações rurais que deem resultados notáveis serão recompensadas com máquinas e utensílios agrícolas. Mas no que respeita a meios de produção é necessário que fiquem propriedade colectiva, não devem servir de prêmios para recompensa de esforços pessoais.

#### O comércio exterior

MOSCÓVIA, 3.—Chegaram a Yamburg, vindos da Suécia, 13 vagões de tecidos e 52 caixas contendo peças para construção de vagões de mercadorias,

#### Relações comerciais com a Turquia

CONSTANTINOPOLIS, 3.—Kusmof, representante das Cooperativas russas, chegou a Constantinopla, com a missão de reatar as relações comerciais com a Turquia.

#### A desmobilização do exército vermelho

MOSCÓVIA, 3.—O VIII Congresso dos Sóviets decidiu a desmobilização parcial do exército vermelho. Foi publicado a esse respeito o seguinte comunicado:

«O conselho do trabalho e da defesa da República, convencido do dever que tem em diminuir parte das fôrças quantitativas do exército vermelho e de dominar, por outro lado, as fôrças combativas da República, propôs ao Congresso uma série de medidas. O conselho do trabalho e da defesa, tomando em consideração as condições de transporte e desejando assegurar para a República o mínimo de fôrças militares que é necessário para a combatividade do exército vermelho, espera poder desmobilizar até ao meio dia do estio de 1921 a metade do contingente do exército vermelho.

De conformidade com um decreto, com data de 11 de Dezembro, do conselho de guerra revolucionário da República as classes de 1885 a 88 foram licenciadas. As classes de 1889 a 91 não serão até nova ordem desmobilizadas parcialmente. Mas o conselho de defesa julga poder desmobilizar completamente, dentro de 4 ou 5 meses, não só estas últimas mas quase todas as classes de 1892 até 1895.

#### UM BRADO

## A crise corticeira

#### avizinha-se com o seu horroso cortejo de misérias

Não somos pessimistas. Temos optimismo. Temos confiança. No entanto, tem-se assistido provisoriamente ao exército, onde vão ganhando o suficiente para sustentar suas famílias, e na França tem sido transportados às regiões devastadas pela guerra, a fim de ali exercerem a sua actividade até que suas profissões deixem de resentir-se o efeito da paralisação.

A crise apavora, asfixia todos os que directa ou indirectamente concorrem para que ela se manifeste em circunstâncias tan trágicas.

Tem trabalho existem, na Inglaterra, para mais de um milhão de operários e a França cerca de 800.000. A Bélgica e a Itália debatem-se igualmente numa agonia lenta, e a América do Norte vê engrossar assustadoramente a legião imensa dos sem-trabalho.

E' toda esta vasta crise que avassala as grandes nações industriais, independentemente de outras circunstâncias que para isso possam concorrer, provém da super-produção, levada à prática por parte de que se manifestasse em circunstâncias tan trágicas.

As crises de trabalho nas grandes nações industriais, que são as que ora vêm crescer a onda imensa dos descontentes, pode ser de debelada, porque os seus governos, atentando na gravidade que um tal estado de coisas pode provocar, procuram, sem dúvida, distrair os desempregados para outros serviços até que a situação das indústrias que atraem a crise se normalize.

Temos, pois, os corticeiros lançados numa crise sem resolução imediata, crise provocada por elas e da qual sofrerão todas as consequências.

Conta actualmente a classe cerca de 20.000 indivíduos de ambos os sexos, trabalho fora dos seus ramos de serviço, muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

trabalho fora dos seus ramos de serviço,

muito mais podendo comportar, se al-

ter-se a importânciam do assunto.

Na Inglaterra os operários, à falta de

## EM TOURS

## CONGRESSO NACIONAL

DO

## Partido Socialista Francês

Não sómente o governo estimulou a ação revolucionária com as suas risíveis repressões, como ainda pôs em destaque a incapacidade do regime capitalista para remediar os sofrimentos da classe operária dos explorados. Ante o caos económico saiu dum sistema de produção caducado, dum modo de apropriação condondado, ante a miséria crescente dos produtores da riqueza dum opulenta minoria ladrava, ante as relações de classes dos seus mais instantes necessidades o governo só sabe ameaçar e reprimir. Nem as ameaças nem as repressões podem restaurar a economia arruinada, suprimir a miséria crescente, impor o silêncio às reivindicações que se avigoram de dia para dia.

Já não é possível contestar a doença incurável dum regime que não se sustenta num mar de sangue, e cuja do ministro da humanidade. A verdade comunista está em marcha e nada poderá detê-la. O levantamento universal dos escravos assalariados contra os seus senhores, para a conquista dos direitos políticos, o exercício ditatorial da força partidária para a extinção do parasitismo social, para a consagração da resiliência à colectividade dos bens criados por todos e usurpados por alguns, para a abrogação do direito de propriedade privada, para a abolição dos privilégios da oligarquia burguesa, para a obrigatoriedade do trabalho, para a instauração, em todos os meios de libertar os homens do fardo de opressão que os esmagam. A Internacional

comunista chama a fracção mais consciente do proletariado mundial a concordar-se, a organizar-se, a entrar em luta para arrancar pelo seu exemplo as massas anárquicas da burguesia, a derrubar a burguesia capitalista que derrubaria. O Partido socialista francês, respondendo ao chamamento de Moscova, leva uma contribuição decisiva para o esforço salutar da vanguarda proletaria internacional.

O gigantesco complot intercontinental contra a segurança do capitalismo assassinou, fomentou-se à luz do dia. O partido socialista francês, mais de cem mil conjurados. O Bloco nacional não poderá edificar prisões bastantes para encarcerar a todos.

O Congresso é fortemente empolgado por uma moção propondo o envio do seguinte telegrama:

*M. Leygues, presidente do conselho, Paris.—O Congresso Socialista reclama energeticamente a libertação dos militantes socialistas e operários arbitrariamente detidos há oito meses sob o ônus pretesto dum complot contra a segurança do Estado. Perto de duzentos mil aderentes, culpados do mesmo crime, reivindicam o seu lugar na prisão, da Sante, se recusarem a medida de justiça reclamada pela opinião popular.*

## CONDENAÇÃO INÍQUA

## O que à BATALHA disse uma das últimas

A política partidária e o exercício da autoridade só podem produzir malquerenças, que muitas vezes conduzem à desgraça

Informados do tremendo erro judicial que se havia cometido no tribunal do Cartaxo, surgiu logo em nós o desejo de ouvirmos as vítimas que, por uma circunstância fortuita, passaram de perveros criminosos a inocentes perseguidos, pois descobriram-se os verdadeiros autores do crime por que elas haviam sido julgados e condenados.

Acompanhados por dois amigos e camaradas, um deles activo e dedicado militante da causa revolucionária — o secretário geral da Federação do Calçado, Couros e Peles — e que muito se interessou pela rápida reparação do mal produzido, dirigimo-nos ao Cartaxo, em cuja cadeia tivemos o ensejo de falar com os dois condenados.

O relato dos factos feito por uma das vítimas

Declinada a nossa qualidade de representantes de *A Batalha* e exposto em duas palavras o que pretendímos, imediatamente o sr. João do Carmo Oliveira se prontificou a elucidar-nos, fornecendo-nos um extenso relato dos factos, que nos serviu de guia para os nossos apontamentos.

Logo as primeiras palavras percebemos que o nosso entrevistado é uma criatura inteligente e activa, um desses elementos que caíram num meio pequeno e ignorante se vêm destinados a desempenhar as mais variadas missões, desde a direcção duma sociedade musical até ao lugar de regedor, pois a luta pela vida não é suficiente para satisfazer a sua actividade.

Muitas vezes esta actividade é animada por ambícios inconfessáveis, mas outras impulsiona-a o desejo de satisfazermos a tua inofensiva vaidade ou ainda o generoso intuito de ser útil à terra e aos seus habitantes.

Mas por muito bem intencionado que seja, o desempenho de cargos de autoridade é sempre espinhoso e ele só pode produzir desgostos. As leis são duras e revoltantes e quem quer se justificar conforme os códigos chama sobre si as maldições dos perseguidos.

Não quer isto dizer que o nosso entrevistado deva a sua infelicidade simplesmente ao facto de ter sido regedor substituído na terra em que vivia, mas, o que não sofre dúvida, é que os seus inimigos souberam explorar habilmente essa circunstância, para criar, contra ele, uma atmosfera rancorosa entre a maior parte da população do Casal do Ouro.

OS «motivos» da acusação

Conhecedores do que são as terras pequenas, onde a ignorância é profunda, onde os interesses egoísticos e cubicos se chocam com frequência, dando origem a ódios absurdos entre indivíduos e entre famílias, ódios tan vívidos e obstinados que passam estupidamente de geração para geração: conhecedores de quanta influência tem, na vida social do país, o vírus turbulento e nocivo da política, bascamos, naturalmente, a nossa primeira pregunta nesse conhecimento, bem começando por

## POR CONTA-GOTAS...

## Joaquim Francisco

Tivemos ontem o prazer de abraçar nesta oficina o nosso camarada e amigo Joaquim Francisco, que cerca das 10 horas da manhã fôr restituído à liberdade, depois de ter estado, por período superior a dois meses, na cadeia do Lameiro, sob acusação idêntica à que foi formulada contra Manuel Ribeiro, cuja libertação anunciamos há dias.

Já sabíamos — e desse impressão nos fizemos eco — que não Joaquim Francisco e Manuel Ribeiro, mas também os outros operários ainda detidos sob a mesma acusação, seriam libertados, por contra elas não haver motivos para uma condenação. A nossa hipótese estava confirmada, apenas havendo que estranhar que as entidades a quem o processo está afecto estejam usando o expediente de conta-gotas na libertação dos atingidos pela acusação, por quanto no Lameiro ainda conservam João Maria Major e Casimiro da Silva, contra os quais não há elementos suficientes a uma pronúncia fundamentada.

Vem a propósito dizer que a *Patria*, há dias, referindo-se à prisão de Joaquim Francisco, fazia uma insinuação que não estranhariam se partisse do *Século*, cuja falta de escrupulos é proverbial. E que a *Patria*, talvez por desconhecer que aquela militante da construção civil estava apenas pelo motivo de que acima fazem referência, aludia a um outro caso de natureza social pelo qual Joaquim Francisco respondeu em devendo tempo e que foi então absolutamente arrumado.

## Pessoal dos Arsenais

As comissões de melhoramentos do pessoal dos arsenais do exército e da marinha entrevistaram ontem os ministros da marinha e da guerra sobre assuntos que a mesma pessoal interessava.

## A BATALHA

S

*Sembat* consigna o facto da unanimidade do Congresso se solidarizar com esta resolução, e de todo o proletariado socialista protestar contra a infânia judiciária do *complot*. E' poi, por unanimidade que o Congresso aprovará a moção que lhe é apresentada.

A moção é, de facto, aprovada unanimemente e sem discussão.

## Um telegrama da Rússia

*Le Troquer* (Sena) dá conhecimento ao Congresso do seguinte telegrama chegado ao Partido:

Riga, 24 de Dezembro. — Presos camaradas: E' com extremo interesse que o Comité Executivo da International Comunista seguirá os trabalhos do vosso Congresso que, sem dúvida, terá um lugar importante na história do movimento operário francês. Lemos um projeto de resolução com as assinaturas dos camaradas Longuet, Monatte, Souvarine, Cachin, Frossard e outros. Com exceção de alguns pontos (a dominância do partido), podemos solidarizar-nos com essa resolução. Lemos depois um projeto de resolução assinado por Longuet, Paul Faure e outros. Esta resolução está imbuida dum espírito de reformismo e de diplomacia mesquinha e verryneira. As teses aprovadas pelo segundo congresso da International Comunista admitem certamente exceções em favor de reformistas que agora se submetem às decisões da I. Comunista, renunciando ao seu oportunismo de outrora. O projeto de resolução assinado por Longuet

e Paul Faure mostra que Longuet e o seu grupo não temem nenhum desejo de abrir exceção no campo dos reformistas. Foram e continuam sendo agentes determinados pela influência burguesa sobre o proletariado. O que há de notável na sua resolução é mais o que elas calam do que o que dizem. Sobre a revolução mundial, sobre a ditadura do proletariado no regime soviético, Longuet e os seus amigos preferem ou não dizer absolutamente nada, ou preferir os mais banais ambiguidades. A Interna-

cional Comunista não pode ter nada de comum com os autores de semelhantes resoluções. O pior serviço que se pode prestar nas circunstâncias actuais ao proletariado francês é imaginar não sabemos que obscuro compromisso, que será depois uma verdadeira pista para o vosso partido. Estamos profundamente convencidos, presos camaradas, de que a maioria dos operários conscientes da França não admittirá um compromisso tan ruinoso com os reformistas e criará em Tours o verdadeiro Partido Comunista, uno e poderoso, liberto dos elementos reformistas e semi-reformistas. E' neste sentido que saímos da vostra Congresso e lhe desejamos o sucesso. Viva o Partido Comunista da França! Viva o proletariado francês!

O Comité Executivo da International Comunista: Zinoviev, Stalin, Tchitcherine, Bucharin, Trotski, Romen, Joffe, Kautsky, Liebknecht, Rosa Luxemburg, Janson (Holanda), Chabane (Bulgaria), Sultan Zade (Persia), Comstich (America), Quelch (Inglaterra), Millet (Yugoslavia), Manner (Finlândia), Stuchka (Geórgia).

**MÚSICA**

**COLISEU DOS RECREIOS**  
HOJE — Sábado — HOJE  
Companhia de circo  
Último sábado de

**ASTRIX LUKSOR**  
o homem que descobre roubos, assaltos, crimes, etc.  
Tôdas as atracções e todos os clowns

## RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Belo o programa do concerto que a orquestra dirigida pelo maestro Fernandes Pão, se propõe dedicar-nos amanhã, no Politeama. Para que o programa possa fazer ideia basicas das obras que o compõem e em que fia a orientação estabelecida, nem uma composição portuguesa faltaria. Danças Guerreiras do Príncipe Igor do grande compositor Ábel Borodin, e pela única vez a famosa «Sinfonia Pastoral», de Liszt. «Mortos», o poema sinfónico de Liszt, «Passos», a Floresca, «Trotas», o frieda, «Murmúrios» da Floresca de Wagner, «Acanthes», de Chephubini, a encantadora «Chanson de Printemps» e «La Fileuse» e outras composições, não se tornando a repetir nenhum dos numeros do programa.

## Concerto no Politeama

Elo é o programa do concerto que a orquestra dirigida pelo maestro Fernandes Pão, se propõe dedicar-nos amanhã, no Politeama. Para que o programa possa fazer ideia basicas das obras que o compõem e em que fia a orientação estabelecida, nem uma composição portuguesa faltaria. Danças Guerreiras do Príncipe Igor do grande compositor Ábel Borodin, e pela única vez a famosa «Sinfonia Pastoral», de Liszt. «Mortos», o poema sinfónico de Liszt, «Passos», a Floresca, «Trotas», o frieda, «Murmúrios» da Floresca de Wagner, «Acanthes», de Chephubini, a encantadora «Chanson de Printemps» e «La Fileuse» e outras composições, não se tornando a repetir nenhum dos numeros do programa.

## FESTAS DE SOLIDARIEDADE

Conforme temos notificado, realiza-se nos próximos dias 22 e 23 do corrente uma festa na sede do S. U. Metálico promovida pelo Sindicato dos Empregados do S. U. Metálico, a favor da propaganda do Esperanto, aulas do S. U. Metálico e jovens sindicalistas pressos. O programa das festas consta do seguinte:

Segundo dia, 23, às 18 horas, abertura da exposição de trabalhos manuais e artigos esportistas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 21 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 22 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 23 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 24 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 25 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 26 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 27 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 28 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 29 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 30 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 31 horas, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 1º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 2º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 3º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 4º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 5º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 6º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 7º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 8º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 9º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 10º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 11º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 12º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 13º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 14º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 15º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 16º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 17º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 18º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 19º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 20º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 21º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 22º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 23º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 24º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 25º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 26º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 27º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 28º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 29º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida de um intermissione.

A exposição, a 30º de Janeiro, a 20 paixas por um militante operário, e seguida